

**Sabia que ...**

**... no Dia Mundial dos Oceanos, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, deixou-nos uma mensagem?**



" Nestes tempos turbulentos, os oceanos relembram-nos de que estamos interligados.

Moldam o nosso clima, sustentam ecossistemas e economias e alimentam milhares de milhões de pessoas.

Mas os oceanos enfrentam graves desafios e nós estamos a empurrá-lo para além dos seus limites.

A **Terceira Avaliação Mundial dos Oceanos\***, lançada hoje, documenta uma crise profunda resultante das alterações climáticas, da pesca excessiva, da perda de biodiversidade e da poluição marinha.

Não podemos continuar a tratar os oceanos como se fossem ilimitados.

Temos de construir uma nova relação com os oceanos. Baseada na ciência. Moldada pelo Direito Internacional. E assente numa responsabilidade partilhada, entre nações, setores e gerações, de forma a potenciar o avanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

O sucesso da Terceira Conferência dos Oceanos no ano passado e a entrada em força do Acordo da Biodiversidade Marinha em Áreas Fora da Jurisdição Nacional este ano, demonstram que a ação multilateral é possível e necessária.

Neste Dia Mundial dos Oceanos, atuemos com ambição para resolver os problemas que este momento exige."

Transcrição da publicação:

<https://www.youtube.com/watch?v=GFhUi2BMNNO>

## **\* Terceira Avaliação Mundial dos Oceanos**

### **O diagnóstico mais completo já feito ao oceano confirma uma degradação acelerada**

A 3.<sup>a</sup> Avaliação Oceânica Mundial das Nações Unidas confirma os alertas da ciência de uma crise biológica de proporções alarmantes. A janela para agir está a fechar-se.



O número de espécies marinhas documentadas e ameaçadas de extinção aumentou, refletindo uma deterioração que se aprofunda de ano para ano HUGH GENTRY / REUTERS

O oceano está a mudar mais depressa do que a governação mundial consegue acompanhar, alerta a 3.<sup>a</sup> Avaliação Oceânica Mundial (WOA III), o mais abrangente diagnóstico científico já elaborado pelas Nações Unidas sobre o estado dos mares do planeta. O documento, que sintetiza anos de investigação científica e dados de múltiplas áreas, não deixa margem para ambiguidade: os ecossistemas marinhos globais enfrentam uma crise profunda e acelerada, com impactos que se estendem muito além da biologia e tocam a economia, a justiça social e a sobrevivência de comunidades inteiras.

A subida do nível do mar atingiu 4,3 milímetros por ano em 2023, impulsionada pelo aquecimento oceânico e pela expansão térmica, quase o dobro da taxa registada nas décadas anteriores. O oceano absorveu mais de 90% do excesso de calor e 30% das emissões de dióxido de carbono geradas pela atividade humana, atuando como um tampão climático que o próprio esforço de absorção está progressivamente a deteriorar. O resultado é uma acidificação crescente das águas e a expansão contínua das chamadas zonas mortas, regiões hipóxicas (com baixa concentração de oxigénio) onde a vida marinha simplesmente não consegue sobreviver.

Para além do aquecimento e da acidificação, a WOA III sublinha a perda dramática do gelo marinho no Ártico e na Antártida, sinais físicos de uma transformação que afeta padrões

climáticos à escala global e ameaça ecossistemas de uma fragilidade extrema. Trata-se de uma velocidade de alterações sem precedentes na história registada, com o relatório a alertar que vários sistemas já se aproximam, ou já ultrapassaram, pontos críticos de não retorno.

As pressões antropogénicas e climáticas estão a causar impactos adversos crescentes em praticamente todos os grupos taxonómicos e habitats marinhos, desde micróbios a mamíferos, e desde as zonas costeiras até às planícies abissais. Não há recanto do oceano que fique imune a estas pressões.

Os recifes de coral, descritos no relatório como as “florestas tropicais do mar”, estão a sofrer episódios de branqueamento de uma intensidade e frequência sem paralelo. As pescas em todo o mundo, por seu turno, sentem os efeitos de *stocks* em declínio. Também os habitats costeiros, como mangais, pradarias marinhas ou estuários, que funcionam como berçários para inúmeras espécies, continuam a ser destruídos a um ritmo que a recuperação natural não consegue compensar.



Pradarias marinhas do estuário do Sado RAQUEL GASPAR

São identificados avanços reais na arquitetura jurídica internacional, como a adoção de instrumentos históricos como o Tratado do Alto-Mar (BBNJ, na sigla em inglês), que permite a criação de Áreas Marinhas Protegidas em águas internacionais, e o Acordo sobre Subsídios à Pesca da Organização Mundial do Comércio, que representam marcos na promoção da gestão sustentável e na conservação da biodiversidade.

A 3.<sup>a</sup> Avaliação Oceânica Mundial dá destaque aos Açores, onde um processo participativo com base científica conduzido pelo governo regional levou à criação da maior rede de Áreas Marinhas Protegidas da Europa, abrangendo 287 mil quilómetros quadrados. O relatório sublinha que 15% desta rede beneficia de proteção total e 15% de alta proteção, com efeitos positivos já documentados nos peixes residentes de grande porte e maior abundância em habitats mais profundos.

Adaptação da publicação:

<https://www.publico.pt/2026/06/08/azul/noticia/diagnostico-completo-ja-oceano-confirma-degradacao-acelerada-2177506>